

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE COLINAS - CESCO
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA CICIANE SOUSA DA SILVA

**PATRIARCALISMO E HUMOR: uma análise discursiva de memes sobre a
mulher**

Colinas
2025.2

MARIA CICIANE SOUSA DA SILVA

**PATRIARCALISMO E HUMOR: uma análise discursiva de memes sobre a
mulher**

Artigo apresentado ao Curso de Letras
Licenciatura em Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, da
Universidade Estadual do Maranhão,
como requisito para a obtenção do grau
de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana
Martins Arruda

Silva, Maria Ciciane Sousa da.

Patriarcalismo e humor: uma análise discursiva de memes sobre a mulher / Maria Ciciane Sousa da Silva. - Colinas - MA, 2025.
26 f.

Artigo Científico (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Martins Arruda.

1. Patriarcalismo. 2. Humor. 3. Memes. 4. Mulher. 5. Instagram. I. Título.

CDU: 81'42:305-055.2

MARIA CICIANE SOUSA DA SILVA

PATRIARCALISMO E HUMOR: uma análise discursiva de memes sobre a mulher

Artigo apresentado ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Martins Arruda

Aprovado em: 19/12/2025.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

LUCIANA MARTINS ARRUDA

Data: 10/02/2026 22:54:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luciana Martins Arruda (Orientadora)

Doutora em Estudos Linguísticos

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Documento assinado digitalmente

ABÍLIO NEIVA MONTEIRO

Data: 09/02/2026 19:47:21-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Abílio Neiva Monteiro (Avaliador)

Doutor em Literatura, Crítica e Cultura

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Documento assinado digitalmente

DANIEL DOS SANTOS TEIXEIRA

Data: 09/02/2026 19:40:32-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Daniel dos Santos Teixeira (Avaliador)

Especialista em Literatura e Ensino

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

PATRIARCALISMO E HUMOR: uma análise discursiva de memes sobre a mulher

Maria Ciciane Sousa da Silva

Luciana Martins Arruda

RESUMO: O meme é um gênero que surgiu antes da Internet, porém, vem ganhando cada vez mais espaço nas redes sociais. Trata-se de um gênero de grande relevância para os estudos do discurso por abordar temas sociais, como a desigualdade de gêneros. Em virtude disso, este artigo tem como objetivo compreender como o humor é construído nos memes sobre a mulher em páginas do Instagram, considerando a relação existente o humor e patriarcalismo, as formações discursivas e ideológicas presentes nesses discursos e os efeitos de sentido por eles produzidos. A pesquisa fundamenta-se na Análise do Discurso Materialista, principalmente em autores como Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Também foram utilizadas contribuições de outros teóricos, como Possenti (2010), Souza (2013), Federici (2017), Beauvoir (1970), entre outros, para discutir as noções de humor e o discurso patriarcal. O *corpus* é composto por cinco memes selecionados de páginas do Instagram, que são analisados a partir de categorias temáticas e conforme o tipo de humor empregado. De um modo geral, concluiu-se que o humor presente nos memes investigados contribui para a propagação do discurso patriarcal ao naturalizar alguns discursos machistas em relação ao que é “ser mulher”, à sobrecarga de trabalho e contribui para a reprodução de alguns estereótipos, ao transformar a exaustão da mulher em objeto de comicidade.

Palavras-chave: Patriarcalismo; Humor; Memes; Mulher; Instagram.

1 INTRODUÇÃO

A presença das redes sociais na vida contemporânea transformou profundamente as formas de produzir e de compartilhar discursos sobre os sujeitos e as relações sociais. No Instagram, por exemplo, frequentemente nos deparamos com algum meme sobre temáticas associadas às mulheres. Dentre esses temas, podemos destacar: sobrecarga de trabalho, relações de gênero, comportamento feminino, maternidade, fertilidade e outros mais.

Nesse ambiente, surgem várias páginas de memes e algumas delas específicas sobre a mulher e a rotina feminina, como a @barbiemillgrau que faz uma analogia à boneca Barbie e dá dicas para as mulheres de como lidarem com os homens, de como elas devem se comportar, etc. Os memes publicados nessas páginas do Instagram são produções textuais que representam, numa linguagem verbo-visual e num “tom humorístico”, a rotina feminina, geralmente marcada pela acumulação de funções, responsabilidades emocionais e exigências sociais.

A forma como o humor sobre a mulher é construído nos memes aparece como um recurso discursivo ambivalente, capaz tanto de problematizar a sobrecarga feminina quanto de reforçar padrões patriarcais historicamente naturalizados. Essa sobrecarga feminina costuma ser representada por um esgotamento mental e/ou emocional, provocando alterações de humor e de comportamento feminino e pode afetar negativamente a imagem feminina.

Assim, o discurso sobre a mulher presente nas páginas do Instagram produz diferentes tipos de humor e efeitos de sentido em relação ao modo como ela é vista e representada socialmente. Com isso, podemos observar como a cultura digital produz e reproduz sentidos sobre a condição da mulher contemporânea. Por meio da ironia, da sátira e do exagero, os memes podem apontar críticas às desigualdades estruturais, mas também podem reforçar a lógica patriarcal ao retratar a sobrecarga como um aspecto natural e inevitável da vida feminina.

Para a Análise do Discurso Francesa, não há discurso neutro ou imparcial, pois todo discurso é marcado por ideologias e por múltiplas interpretações que extrapolam o sentido literal. Maria do Rosário Gregolin define ideologia como:

um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua. A essa determinação em última instância, Pêcheux (1990) denomina "formação ideológica" ou "condições de produção do discurso". (Gregolin, 1995, p. 17)

Helena Hathsue Nagamini Brandão (2004) comenta que o indivíduo é interpelado pela ideologia para que produza o dizer. Ou seja, “A formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa dizer que os discursos são governados por formações ideológicas” (Brandão, 2004, p. 47).

A seleção lexical e a linguagem empregadas na construção de um discurso revelam o modo como o sujeito se posiciona e como a sociedade constrói a realidade. Sendo assim, os memes, enquanto materialidades discursivas vinculadas ao cotidiano das mulheres na condição social de mães, esposas, trabalhadoras, jovens, adultas ou em fases específicas da vida, constituem um *corpus* significativo para análise.

Dito isso, este artigo tem como *objetivo geral*: compreender como o humor é construído nos memes de páginas do Instagram, e como *objetivos específicos*: identificar quais são as formações discursivas e ideológicas presentes nos discursos investigados e entender os efeitos de sentido por eles produzidos.

Consideramos esta pesquisa relevante porque identificar quais são os recursos linguístico-discursivos (por exemplo, tipos de humor, seleção lexical, imagens, figuras de linguagem) utilizados para construir imagens ou identidades acerca da mulher no Instagram e fazer uma análise científica desses recursos, refletindo a respeito da sua empregabilidade, nos possibilita desconstruir alguns estereótipos impostos pela sociedade patriarcal. Em outras palavras, precisamos desconstruir ideias como: “Toda mulher deve casar ou ter um namorado.”; “Toda mulher deve ser mãe e gerar filhos.”; “Cabe somente à mulher cuidar dos filhos.”; “Mulher gasta mais do que homem.”.

Diante do exposto, as discussões aqui apresentadas, assim como os memes analisados, buscam refletir sobre a seguinte questão: “O humor presente nos memes do Instagram contribui para a propagação do discurso patriarcal sobre a mulher?”. Em suma, o intuito dessas discussões é promover um debate sobre o humor, gênero, linguagem e cultura digital, evidenciando que os sentidos produzidos nas redes sociais tendem a impactar na maneira como a sociedade interpreta e legitima as diversas formas de desigualdade que atravessam a vida das mulheres.

A partir da próxima seção, apresentaremos a fundamentação teórica utilizada para sustentar essa discussão.

2 O HUMOR E SUAS FACES

A princípio, buscar uma definição para a palavra “humor” pode parecer uma tarefa fácil porque sempre o associamos ao riso ou a algo engraçado. No entanto, Scott Weems (2016) esclarece que o humor não é sobre ser engraçado, é saber como lidamos como as mensagens complexas e contraditórias, isto é, mensagens que aparentemente são engraçadas, mas contêm outros sentidos implícitos.

Na concepção de Sírío Possenti (2018), o humor é um fenômeno complicado, pois se manifesta em contextos diversos, variando de acordo com fatores históricos, culturais e linguísticos. Segundo ele, o humor, enquanto manifestação social, vem chamando a atenção de estudiosos pela sua habilidade de revelar características linguísticas, culturais e ideológicas de uma população. Desse modo, o humor é

um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge e aos trocadilhos, passando pelas “crônicas” e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas, comédias “em pé” programas de rádio e de TV, canais no YouTube e pela exploração humorísticas de outros tipos de texto: provérbios alterados, pseudoaforismos, paródias e etc. (Possenti, 2018, p. 28)

Ao debater sobre a diversidade humorística, Possenti destaca que o campo do humor, assim como os demais campos, possui regras específicas. Ele se manifesta por meio de diversos gêneros discursivos e carrega uma multiplicidade mostrando que o humor não é limitado, mas se ressignifica, pois dialoga com diferentes práticas culturais e discursivas. Nesse sentido, o humor se tornou um instrumento humano tanto de distração quanto de crítica política e social, sendo evidenciado nas interações com amigos, familiares e no convívio social em geral.

Ao longo da história, o humor vem sendo demonstrado, por exemplo, por peças de teatro, em piadas orais, na literatura e por meio de outras formas de expressão artística e cultural. O emprego do humor geralmente desperta um sentimento de prazer imediato manifestado por meio do riso. Entretanto, em outras épocas, estudos mostram que ele já era empregado para criticar a sociedade ou alguém de modo específico.

Na obra “Humor, língua e discurso”, Possenti (2010) destaca que “O humor é universal” porque ele está presente em todos os lugares do mundo. Além disso, se os textos de humor se baseiam fortemente em implícitos e intertextos, o apelo que se faz é a um saber, a uma memória – “não necessariamente a uma cultura” e “a informação cultural é apenas uma das manifestações de uma exigência que todos os textos fazem aos coenunciadores” (p. 148). Sendo assim, o autor discorda de alguns estudiosos que defendem que o humor seja apenas cultural.

Possenti não invalida esse pensamento, mas ressalta que o humor não é somente cultural, é também universal, pois se manifesta em diferentes contextos, independentemente da cultura. Isso ocorre porque tanto os temas quanto as técnicas surgem em diversas culturas, embora fatores contextuais e linguísticos influenciem a recepção do riso. Ele ainda acrescenta que um determinado tema pode ser compreendido de formas distintas pelos sujeitos, e o que efetivamente provoca o riso é a técnica: “o humor deriva da técnica, não do conteúdo” (Possenti, 2010, p. 223). Logo, o humor, além de envolver aspectos sociais, emocionais, cognitivos e fisiológicos, também deriva de técnicas específicas e da forma como é construído.

Ao fazer referência ao caráter universal do humor, Possenti (2010) comenta que algumas técnicas dependem de peculiaridades linguísticas como trocadilhos, duplos

sentidos, manipulação de material fonológico ou morfológico, ambiguidades, idiomatismos tomados “literalmente”, etc. Já em relação aos tipos de humor, eles podem se manifestar de diversas formas, como o humor sarcástico, o humor irônico, humor linguístico, entre outros. O autor não define de fato os tipos de humor, mas defende a ideia de que o riso surge de procedimentos discursivos recorrentes em diferentes culturas.

Sobre os recursos utilizados na construção do humor, Renato Pincelli e Marcos Américo (2019) chamam a atenção do leitor para as figuras de linguagem ou de retórica que geralmente estão presentes em textos humorísticos e são indispensáveis ao seu pleno funcionamento. São elas:

a) Sátira (e/ou paródia) → remonta ao teatro do período romano, quando era usada para denunciar a moral social ou para a autodepreciação do autor. Está associada ao riso de zombaria, trabalha com a representação dos defeitos dos homens, especialmente os de caráter moral, como a inveja, o servilismo, o egoísmo. O humor satírico tende a ser sutil e lança mão da ironia. Utiliza técnicas como a *diminuição* - reduzindo a grandeza ou o tamanho de algo com o objetivo de tornar seus defeitos mais visíveis; a *inflação* - técnica oposta: é uma hipérbole onde se exagera o tamanho de algo menor ou banal, mas com o mesmo objetivo de acentuar os defeitos daquilo que é satirizado; e a *justaposição* - consiste num meio-termo das duas técnicas anteriores, rebaixando ou elevando algo ao colocá-lo lado a lado com um termo de comparação incomum ou inesperado.

b) Ironia → conforme o tipo, pode ser classificada como: *oral* – expressão ou gesto que representa o contrário ou algo diferente do que significa; *dramática* - geralmente presente em obras satíricas, todo mundo entende o significado da ironia em questão, menos o personagem satirizado; *situacional* – o resultado de uma ação é o oposto do desejado; e *cósmica* – ressalta a disparidade entre os desejos humanos e as durezas da realidade. Portanto, a ironia pode ser vista como manifestação típica das contradições humanas.

c) Sarcasmo → diferencia-se da ironia por conter uma intenção mais agressiva de quem o utiliza. Além disso, o sarcasmo possui um teor negativo e é mais crítico do que a ironia.

d) Alegoria → modo indireto de representar uma coisa ou uma ideia sob a aparência de outra. É um processo de descontextualização e recontextualização: uma coisa é tirada de seu contexto e recolocada em outro, totalmente novo, gerando um sentido distinto. Ela aparece em contextos humorísticos como a sátira, a ironia e o sarcasmo.

e) Exagero (ou hipérbole) → extrapolação do significado de um termo ou expressão para fins de ênfase, o exagero está presente em lugares-comuns da língua como em expressões do dia a dia “morrer de fome”.

f) Absurdo → algo sem sentido, que não possui lógica ou não obedece a determinadas regras ou condições. De um modo geral, algo considerado absurdo está em inconformidade com as leis da coerência e da lógica.

g) Incoerência → ocorre quando há falta de uniformidade ou quando ela é incompleta. Pode ser classificada como *interna* (quando não há coerência entre os elementos do mesmo texto) ou *externa* (ausência de coerência do texto com elementos da realidade ou com outros textos).

h) Estereótipo → é uma ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial, ou seja, um preconceito. Também pode ser compreendido como algo não original ou que não segue modelos conhecidos. É uma figura de linguagem com forte carga social. Possenti (2010) considera o estereótipo como um fator “extralinguístico”.

i) Pantomima (ou humor mecânico) → é a representação de sentimentos exclusivamente por meio de gestos feitos com as mãos, os braços e a face.

j) Digressão → é um discurso secundário que se concentra num assunto diferente daquele que está sendo discutido, ou seja, um desvio de rumo da narrativa principal.

Sebastião Lourenço dos Santos (2014), em seus estudos sobre o humor, ressalta os aspectos verbais e não verbais. Segundo ele, no humor verbal, são usadas palavras, frases e piadas para produzir situações engraçadas, podendo conter jogo de palavras, sarcasmo, ironia e diferentes estratégias linguísticas para provocar o riso. Em

contrapartida, no humor não verbal, ocorre a presença de gestos, expressões faciais, tom de voz e diferentes recursos não linguísticos.

Alan Lôbo de Souza (2013) entende que é preciso ter um olhar atento ao ler ou escutar uma piada, por exemplo, pois há um jogo de linguagem que a constitui e interfere na maneira como o humor é interpretado pelo leitor-ouvinte. Para o linguista,

sobre o discurso humorístico incidem gestos de leitura das práticas sociais que deslocam sentidos dados como fixos sobre os quais se exige reconhecimento. Daí a compreensão de que a interpretação de um gesto humorístico mobiliza o modo como ele é constituído, formulado, com o modo como ele circula em determinadas circunstâncias. Diante disso, a materialidade linguística (em suas nuances próprias do humor) ganha corpo se compreendida a materialidade discursiva que a engendra. (Souza, 2013, p. 3)

O autor ainda destaca que o humor não se limita ao riso, “apesar de um ato de humor ser necessariamente um ato de enunciação ‘para fazer rir’, esse não é suficiente para validar um ato humorístico” (Souza, 2023, p. 5). O riso é um ato fisiológico enquanto o humor ocorre por meio da linguagem, é uma construção discursiva. Portanto, nem todo riso surge em decorrência de uma ocorrência humorística, assim também como nem todo humor causa riso.

Na próxima seção, discorreremos sobre o gênero textual “meme” que engloba os diferentes discursos sobre o humor e constitui o *corpus* de análise deste artigo.

3 OS MEMES E O AMBIENTE DIGITAL

O meme é um gênero textual que vem ganhando cada vez mais notoriedade no meio digital. Pode conter somente imagens e/ou textos curtos e sua leitura exige diferentes tipos de conhecimentos, que extrapolam o linguístico (cf, Koch e Elias, 2012). O termo “meme” surgiu primeiramente com Richards Dawkins em seu livro “The Selfish Gene”, em *O Gene Egoísta*, no qual ele o define como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (Dawkins, 2007, p. 330).

Para alguns autores, os memes já ocupam posição central na cultura digital contemporânea, sendo amplamente utilizados e compartilhados para comunicar ideias, emoções, críticas sociais e posicionamentos políticos. Embora sejam vistos com frequência no meio digital e associados às redes sociais, como nas páginas do Instagram, o seu surgimento antecede a própria Internet.

A partir da sua popularização, sobretudo no início dos anos 2000, os memes passaram a ser associados a imagens, vídeos, expressões textuais, figuras públicas e

situações cotidianas que se repetem e se modificam com elevada velocidade. O mesmo acontece com o humor que apresenta diferentes faces, desde fazer o internauta rir de uma situação aparentemente “inofensiva” até promover a propagação de estereótipos sobre o nordestino, por exemplo.

A Internet conferiu aos memes visibilidade inédita, transformando-os em uma linguagem socialmente reconhecida, dinâmica e participativa. Conforme afirmam Geane Alzamora e Carla Baiense de Carvalho (2019), a cultura digital intensificou as disputas, as apropriações e a circulação dos memes, permitindo que diferentes grupos sociais utilizem esse formato para afirmar identidades, questionar hegemonias e produzir crítica social.

Essa ampliação está ligada ao crescimento das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e, mais recentemente, o *TikTok*. Esses ambientes digitais favoreceram a consolidação dos memes como forma de discurso humorístico, crítico e político. Abordagens como as de Clícia Coelho e Raimundo Martins (2018) sobre “memes de internet e o discurso humorístico” destacam que os memes constituem visualidades específicas da cultura digital, operando ao mesmo tempo como textos e imagens, articulando elementos verbais e não verbais para produzir sentidos complexos e situados socialmente.

O humor praticado nesses formatos, no ponto de vista de Weems (2016), é o resultado de operações cognitivas que mesclam expectativa, surpresa, conflito e resolução, funcionando como mecanismo de interpretação do cotidiano. À medida que se tornam mais presentes na vida social, os memes passam a ocupar um papel importante na construção de discursos identitários sobre a mulher, por exemplo.

Viktor Chagas e Anna Bretas (2021) enfatizam que memes podem operar como instrumentos de luta simbólica, especialmente quando apropriados por movimentos feministas e por grupos que buscam questionar desigualdades históricas. Em outras palavras, os memes não circulam nas redes sociais apenas com a finalidade de entretenimento, pois os discursos neles contidos, assim como elementos linguístico-discursivos utilizados na sua constituição podem se tornar um espaço de denúncia social sobre o feminicídio, as desigualdades de gênero e outras questões.

Essa dimensão de luta político-social se intensifica quando observamos a maneira como as mulheres são representadas ou se auto representam nos memes, especialmente no que diz respeito à sobrecarga emocional, mental e doméstica. Estudos como os de Daniela Azevedo e Andrea Cristina Versuti (2024) mostram que a presença

das mulheres nos memes revela tensões discursivas importantes, que oscilam entre crítica, resistência e reprodução de estereótipos.

Essas representações são frequentemente elaboradas de modo humorístico, mas carregam marcas ideológicas profundas. Tal fenômeno dialoga com a perspectiva da análise do discurso defendida por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (2015) e Michel Pêcheux (2011), segundo a qual o discurso é sempre atravessado por condições históricas e ideológicas específicas, e elas determinam o que pode ser dito, por quem e em quais formas.

Para Sergio Mikio Kobayashi (2019), a difusão dos memes nas redes sociais envolve processos de ressignificação contínua, em que usuários reinterpretam conteúdos conforme seus contextos socioculturais. Essa característica explica o porquê de os memes se multiplicarem rapidamente, adaptando-se aos diversos públicos e reproduzindo discursos que dialogam diretamente com experiências coletivas.

No campo dos estudos do humor, pesquisadoras como Lívia Braga (2022), Júlia Barbosa Gomes (2022) e Larissa Oliveira (2023) reforçam que os memes cumprem função discursiva relevante ao transformarem problemas sociais em objetos de comicidade crítica, denunciando opressões e desigualdades enquanto se valem de estratégias linguístico-discursivas e imagéticas para provocar riso, identificação ou desconforto.

Neste artigo, reforçamos a ideia de que essa articulação entre o humor e a crítica, sustentada por referenciais teóricos contemporâneos, evidencia que os memes não devem ser compreendidos como simples entretenimento, mas como objetos discursivos complexos, capazes de expressar disputas simbólicas e revelar contradições das estruturas sociais nem sempre visíveis numa primeira leitura.

Desse modo, compreender os memes enquanto fenômenos culturais, discursivos e históricos implica reconhecer seu caráter multifacetado: são herdeiros de um conceito teórico anterior à internet, mas plenamente transformados pela lógica digital; são instrumentos de humor, mas também de crítica social; são objetos de estudo da linguística, das ciências sociais, da comunicação e dos estudos culturais; e são, sobretudo, práticas discursivas que evidenciam modos de representação, resistência e negociação de identidades na atualidade.

A Internet, portanto, não é apenas o espaço no qual os memes circulam: ela molda suas formas de existência. Além disso, a velocidade de compartilhamento, a

lógica algorítmica, as interações múltiplas e a cultura participativa fazem dos memes uma linguagem própria da era digital.

Feitas essas discussões acerca do humor e dos memes, considerando o ambiente digital, na seção seguinte, propomos uma reflexão entre “a mulher e a sociedade patriarcal”.

4. A MULHER E A SOCIEDADE PATRIARCAL

A inserção da mulher na sociedade é marcada por um longo percurso histórico permeado por desigualdades estruturais que, ao longo dos séculos, foram construídas, legitimadas e naturalizadas. Desde as primeiras formas de organização social sedentária, quando a divisão sexual do trabalho passou a determinar funções vinculadas ao corpo biológico, as mulheres foram associadas ao espaço privado, ao cuidado da prole e às atividades domésticas.

Como afirma Simone de Beauvoir (1970 [1949]), essa organização histórica não era uma decorrência natural, mas uma construção social contínua que relegou às mulheres uma posição de alteridade, sempre situando-as como o “Outro” em relação ao homem. Essa desigualdade inicial estruturou o “patriarcado”, um sistema de dominação persistente, caracterizado pela centralidade masculina na organização política, econômica, simbólica e afetiva das sociedades, como analisa Heleieth Iara Bongiovani Saffioti na obra “Gênero patriarcado violência” (2015). Esse sistema histórico não apenas moldou normas e comportamentos, mas também naturalizou valores que ainda hoje influenciam a vida das mulheres.

Ao longo dos séculos, essas estruturas patriarcais se consolidaram em instituições fundamentais da vida social, como a família, a religião, o Estado e o mercado de trabalho. Na Antiguidade clássica, filósofos como Aristóteles já defendiam a inferioridade feminina com base em argumentos biológicos, afirmando que a mulher seria um “homem mutilado”, o que contribuiu para a legitimação intelectual da desigualdade. Na Idade Média, a doutrina cristã reforçou a ideia de submissão feminina e fortaleceu a figura do homem como chefe e provedor. No período moderno, mesmo com a ascensão do racionalismo e do liberalismo, as mulheres permaneceram excluídas do contrato social,

Com o advento das revoluções industrial e burguesa, surgiram brechas para questionamentos mais profundos. A entrada das mulheres no mercado de trabalho fabril, ainda que exploratória, ampliou suas possibilidades de atuação e formação de

consciência coletiva. Entretanto, como aponta Silvia Federici (2017), o capitalismo reforçou a divisão sexual do trabalho e a exploração do corpo feminino como recurso produtivo e reprodutivo. Somente a partir do século XIX, com o surgimento dos movimentos feministas, a luta por direitos civis, políticos e educacionais começou a ganhar força. A conquista do voto feminino, o acesso à educação superior e a possibilidade de ocupar cargos públicos foram marcos determinantes. Porém, Bell Hooks (2018) faz a seguinte ressalva “a igualdade formal não implica igualdade material nem simbólica”.

No século XX, especialmente após a segunda onda feminista, debates sobre sexualidade, opressão estrutural, maternidade compulsória e divisão desigual do trabalho doméstico ganharam centralidade. Mulheres, como a jornalista e ativista Betty Friedan (1971 [1963]), denunciaram as bases culturais da desigualdade, demonstrando como o patriarcado se reinventa para manter seus mecanismos de controle. No Brasil, essas discussões encontraram eco nos movimentos que lutaram contra a violência institucional, a precarização do trabalho e a objetificação do corpo feminino. Mesmo com avanços significativos, como a criminalização do feminicídio e a Lei Maria da Penha, a realidade contemporânea evidencia que as raízes do patriarcado ainda estruturam as relações sociais.

No contexto atual, as mulheres são maioria nas universidades e ocupam áreas profissionais antes restritas aos homens. Todavia, continuam enfrentando desigualdades salariais, discriminação em processos de seleção, limitações à ascensão profissional e um acúmulo de responsabilidades e a denominada “dupla jornada de trabalho”, na qual além dos afazeres profissionais ainda precisam desempenhar as tarefas domésticas e cuidar dos filhos. Paralelamente a isso, pesquisas recentes mostram que elas desempenham também uma “carga mental” permanente, isto é, a responsabilidade de planejar, prever e antecipar demandas familiares e domésticas, mesmo quando não executam diretamente todas as tarefas.

As formas de machismo contemporâneo, ainda que por vezes sutis, permanecem enraizadas em comportamentos sociais, na mídia e até na linguagem cotidiana. Microagressões, objetificação, assédio moral e sexual, controle e deslegitimação da autonomia estão presentes em vários ambientes, inclusive no digital. A violência de gênero, analisada por Saffioti (2015), continua se manifestando de forma sistemática, fazendo do Brasil um dos países com os maiores índices de feminicídio do mundo. Esses dados reforçam o argumento de que a violência contra a mulher não é um

fenômeno individual, mas estrutural, resultado de séculos de naturalização do controle patriarcal sobre a vida feminina.

De acordo com as informações apresentadas, compreendemos que a cultura digital contribui para a disseminação dessas atitudes e comportamentos, invisibilizando algumas mulheres e as deixando vulneráveis. Isso porque em redes sociais, como o Instagram, mesmo em espaços de pertencimento e de resistência feminina, é comum surgirem discursos de ódio e de sexualização disfarçados de humor sob a forma de memes, *trends* e vídeos de humor.

Sobre esses discursos, Orlandi (2015) argumenta que, para os analistas do discurso, todo texto é atravessado por formações discursivas e pela materialidade histórica. Portanto, os memes podem funcionar tanto para reproduzir desigualdades quanto para denunciá-las. Muitas criadoras de conteúdo, especialmente em páginas feministas, utilizam o humor como ferramenta de crítica social, tensionando narrativas patriarcais e promovendo estratégias de resistência. Nessa perspectiva, o humor se torna uma forma de disputar sentidos e produzir rupturas no imaginário social.

Desse modo, compreender a mulher na sociedade implica analisar não apenas o percurso histórico da desigualdade, mas também suas expressões contemporâneas, especialmente nas plataformas digitais. Embora as conquistas políticas e educacionais tenham ampliado a autonomia feminina, a persistência do machismo, da violência de gênero e da sobrecarga cotidiana evidencia que a luta por igualdade ainda é urgente.

Portanto, examinar representações humorísticas sobre a mulher no Instagram nos permite explorar como os discursos sobre gênero são construídos socialmente, como eles circulam e se naturalizam, revelando tensões profundas entre resistência e reprodução das ideologias. Logo, esse tipo de análise se torna uma ferramenta fundamental para compreender como o patriarcado se reinscreve nos modos de rir, ver e representar a mulher em nossa sociedade, conforme observaremos na próxima seção.

5 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA PATRIARCAL E SOCIAL SOBRE A MULHER

A construção social da mulher ao longo da história tem sido marcada por expectativas rígidas, naturalizações e discursos que moldam sua subjetividade e definem seu lugar no imaginário social. Como expõe Pêcheux (1995), os sentidos não são individuais, mas resultam de formações discursivas que antecedem o sujeito e o interpelam, moldando suas posições possíveis.

Assim, a mulher é interpelada por diferentes posições ao longo da vida, sendo convocada a assumir papéis específicos, como o de mãe, cuidadora, responsável pelo lar, emocionalmente disponível e socialmente moderada, papéis historicamente cristalizados em uma memória discursiva patriarcal (Orlandi, 2015; Courtine, 2009).

Esses papéis não emergem espontaneamente, mas decorrem de relações de poder que estruturam a sociedade e instituem um regime simbólico que regula comportamentos, subjetividades e expectativas, conforme exposto por Federici (2017). Compreender a mulher contemporânea exige olhar para essas camadas históricas e simbólicas que definem sua existência, suas funções e seus comportamentos, a partir de estruturas que continuam moldando seus percursos mesmo diante das mudanças sociais recentes.

A maternidade, por exemplo, é um dos discursos mais poderosos na constituição da identidade feminina. Federici (2017) comenta que o capitalismo moderno consolidou a associação entre o corpo da mulher, a reprodução e o trabalho de cuidado não remunerado, transformando a maternidade em destino obrigatório.

Essa sobrecarga se intensifica quando observadas as diferentes fases da vida feminina. As mulheres jovens enfrentam expectativas sociais relacionadas à aparência, sexualidade, produtividade e comportamento, sendo constantemente avaliadas por padrões estéticos e normativos que moldam sua autoestima e suas oportunidades¹

Mulheres seguem responsáveis pela maior parte do trabalho invisível, como limpeza, alimentação, cuidado com crianças e idosos, organização emocional e planejamento do lar: trabalho historicamente naturalizado como “coisa de mulher”. Essa naturalização é construída discursivamente, como apontam Orlandi (2015) e Pêcheux (1995), ao mostrar que formações ideológicas definem quais sentidos se tornam evidentes e quais permanecem invisíveis.

A sociedade patriarcal, embora em transformação, mantém estruturas que limitam a plena liberdade feminina, manifestando-se tanto em violências explícitas quanto em sutilezas discursivas que moldam percepções, expectativas e comportamentos. Nesse sentido, os memes que circulam em páginas do Instagram constituem um espaço privilegiado para observarmos como os discursos sobre a mulher são retomados, reconfigurados e, muitas vezes, reforçados em linguagem humorística.

¹ Sobre essas fases, sugerimos a leitura do artigo “Mulher, humor e redes sociais: tensões discursivas sobre feminilidade”, de autoria de Maria Clara Ferreira Dias, disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu>.

No caso específico dos discursos sobre a mulher, os memes frequentemente recuperam formações discursivas históricas ligadas à maternidade, ao cuidado, aos afazeres domésticos, ao controle do comportamento feminino e à vigilância do corpo, produzindo efeitos de identificação e reconhecimento imediato. É justamente esse reconhecimento que lhes confere força, pois o humor só funciona porque se ancora em sentidos naturalizados, já legitimados culturalmente, ainda que muitas vezes problemáticos.

Uma parte significativa dos memes sobre maternidade representa a mulher como responsável exclusiva pela organização dos filhos, pelo equilíbrio emocional da casa e pela sobrecarga mental cotidiana. Esses conteúdos reforçam, ainda que de modo aparentemente leve e engraçado, a ideia de que a maternidade é um destino inevitável e que a mulher deve desempenhar múltiplas tarefas simultaneamente, mesmo em condições de exaustão.

O humor, nesse caso, não desmonta o discurso patriarcal; ao contrário, muitas vezes o cristaliza ao apresentar o cansaço materno como algo engraçado e natural, e não como um sintoma estrutural da desigualdade de gênero. Pesquisas sobre divisão sexual do trabalho e sobrecarga feminina apontam que essa naturalização reforça práticas sociais profundamente enraizadas e os memes atuam como instrumentos que reiteram essa lógica ao reproduzirem o estereótipo da “mãe sobrecarregada”, cuja dor é convertida em entretenimento.

Da mesma forma, a representação das fases da mulher é constantemente tematizada por memes que reforçam padrões estéticos rígidos e expectativas patriarcais sobre o corpo feminino. Mulheres jovens são frequentemente retratadas como excessivamente emocionais, indecisas ou dependentes de aprovação masculina, enquanto mulheres na menopausa são alvo de piadas que associam essa fase ao descontrole, à irritabilidade ou à “perda de utilidade”.

Esses discursos humorísticos dialogam com análises críticas sobre a construção social da feminilidade e do envelhecimento mostrando como a juventude feminina é valorizada enquanto a maturidade é desqualificada. O meme, nessa perspectiva, funciona como um espelho irônico da lógica patriarcal que desvaloriza mulheres mais velhas, reforçando o imaginário de que seu valor social está intrinsecamente ligado ao corpo, à sexualidade e à aparência.

Quando se trata dos afazeres domésticos, os memes também desempenham papel ambíguo. Em muitos casos, eles ironizam a desigualdade, apresentando, por

exemplo, homens que “ajudam” em casa como se realizassem um grande feito, enquanto a mulher aparece como responsável natural pela limpeza, alimentação e organização.

O comportamento feminino diante dos homens e da sociedade também é amplamente tematizado em memes que representam as mulheres como “difíceis”, “complicadas”, “dramáticas”, “controladoras” ou “exageradas”, recuperando estereótipos seculares utilizados para deslegitimar sua voz e suas emoções. Essas representações têm relação direta com o que o sociólogo Pierre Bourdieu (2002 [1999]) define como “violência simbólica”, que opera de forma sutil, naturalizada e quase invisível, regulando comportamentos e reforçando hierarquias.

Já os memes que tratam da mulher, de seu corpo, de seu comportamento e de suas funções sociais funcionam como artefatos discursivos que condensam e reativam uma memória patriarcal profundamente enraizada. Eles simbolizam, para a sociedade, tanto a permanência quanto a reconfiguração desses discursos, operando como formas contemporâneas de socialização e circulação de ideias. Embora alguns memes possam desempenhar função crítica e desconstrutiva, questionando estereótipos e denunciando desigualdades, a maior parte deles ainda se apoia em representações que reforçam papéis tradicionais.

Isso indica que, mesmo em ambientes aparentemente leves e descontraídos, como as redes sociais, a lógica patriarcal continua estruturando o imaginário coletivo, sustentando narrativas que moldam comportamentos, naturalizam desigualdades e produzem expectativas normativas sobre o que significa ser mulher.

Na próxima seção, apresentamos a metodologia que norteou o desenvolvimento deste trabalho.

6 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste artigo fundamenta-se na articulação entre a revisão de literatura, seleção e análise discursiva de memes, considerando a perspectiva da Análise do Discurso Materialista de base pecheuxtiana que estuda como a linguagem, a história, a ideologia e o inconsciente moldam o discurso, focando nas condições de produção e na materialidade (técnica, histórica) para entender os efeitos de sentido por eles produzidos.

De acordo com Maria de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2021), a revisão de literatura constitui um processo indispensável para o aprofundamento

conceitual, permitindo ao pesquisador situar seu trabalho no campo científico e identificar contribuições relevantes já produzidas sobre o tema. Sobre isso, Antônio Carlos Gil (2002) destaca que a pesquisa bibliográfica possibilita o exame crítico de teorias, conceitos e categorias necessárias à compreensão do fenômeno investigado, a partir de materiais publicados em livros, artigos, teses, dissertações e demais fontes científicas.

Feita a revisão de literatura, passamos à seleção dos memes sobre mulheres e que representam diferentes posições discursivas, sociais e ideológicas. Foram selecionados cinco memes das seguintes páginas do Instagram: *@BoraHistoriar*, *@essencialmentemae*, *@NaianaSa*, *@FranArt* e *@HumortadelaViral*.

Os memes selecionados foram organizados e analisados a partir da criação de cinco categorias: “mulher prendada”, “mulher como mãe”, “instinto maternal”, “sobrecarga feminina” e “mulher guerreira”. Durante a análise, procuramos sempre associar essas categorias às formações discursivas e ideológicas que contribuíram para a construção dos memes e os seus efeitos de sentidos.

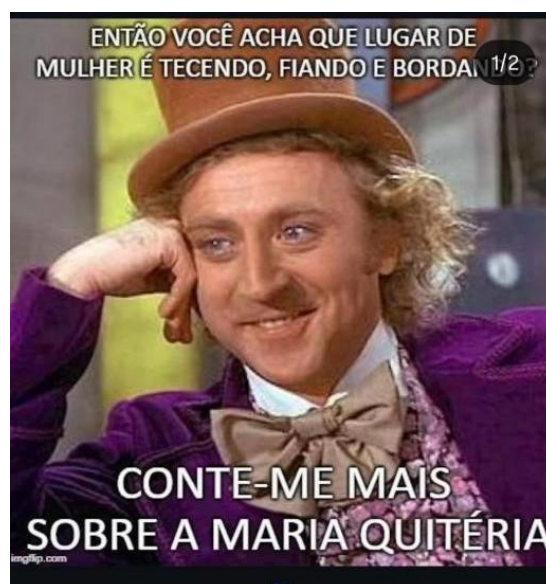
Quanto ao humor, esses cinco memes foram analisados conforme a proposta feita por Renato Pincelli e Marcos Américo (2019) sobre a existência das figuras de linguagem: sátira (e/ou paródia), ironia, sarcasmo, alegoria, exagero (ou hipérbole), absurdo, incoerência, estereótipo, pantomina (ou humor mecânico) e digressão.

Na próxima seção, faremos a análise dos memes selecionados, conforme a fundamentação teórica apresentada e as categorias analíticas elencadas.

7 ANÁLISE DOS MEMES SOBRE A MULHER

A análise dos cinco memes selecionados abaixo pretende mostrar o funcionamento do humor utilizado, simultaneamente, para denunciar e naturalizar a sobrecarga de cobranças e afazeres enfrentados pelas mulheres diariamente na sociedade contemporânea.

Figura 1- Mulher prendada



Fonte: @BoraHistoriar

No primeiro meme, o humor é construído em forma de crítica e estereotipado em relação à mulher prendada. Para a sociedade, a mulher é considerada prendada quando possui qualidades, habilidades e dotes apreciáveis, especialmente no âmbito doméstico (cozinhar, costurar, cuidar da casa). Isso pode ser verificado no enunciado “Então você acha que lugar de mulher é tecendo, fiando e bordando?”. Esse enunciado faz o leitor repensar sobre o conceito ideológico de “mulher prendada”, isto é, as mulheres que não desempenham essas ações (tecer, fiar e bordar) não são consideradas “prendadas”?

Na imagem central, representada por uma figura masculina, Willy Wonka – personagem do filme “A fantástica fábrica de chocolate”, visualizamos uma expressão de deboche e, logo em seguida, lemos o enunciado “Conte-me mais sobre Maria Quitéria.”. A posição da imagem transmite a ideia de que o homem se dirige para o leitor, fazendo-o refletir sobre essa posição de “mulher predada” ocupada socialmente pela mulher.

Além disso, em contrapartida, ele apresenta “Maria Quitéria [de Jesus Medeiros]” que, historicamente, foi a primeira mulher a integrar o Exército Brasileiro e se destacou como sendo um símbolo de resistência feminina na Guerra de Independência do Brasil². Ao apresentar Maria Quitéria para o leitor, por meio de uma expressão de deboche, o homem faz uma analogia em relação ao fato de que as mulheres também devem lutar pelos seus direitos, ocupando os seus espaços, sendo reconhecidas e se posicionando socialmente, assim como ela fez.

² Informações disponíveis no site <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/maria-quiteria.htm>

Os efeitos de sentido produzidos por esse meme fazem o leitor refletir sobre o lugar ocupado pela mulher na sociedade e tentam desconstruir alguns discursos naturalizados sobre “o lugar de mulher é na cozinha”, “o lugar de mulher é em casa, cuidado do marido e dos filhos” e tantos outros já-ditos.

Em suma, ao trazer para o discurso a figura histórica de Maria Quitéria, a página @BoraHistoriar faz o leitor repensar também nas relações de gênero, principalmente porque ela lutou ao lado de homens e ganhou notoriedade histórica e reconhecimento social. Além disso, há uma interdiscursividade entre o meme e a narrativa cinematográfica.

Figura 2 - A mulher como mãe



Fonte: @essencialmentemae

No segundo meme, o leitor pode observar uma característica marcante do discurso patriarcal: a desigualdade de gênero, pois enquanto a mulher permanece acordada com o filho mamando sobre si, o homem dorme tranquilamente e até ronca. Além disso, a imagem também mostra que a tarefa de cuidar dos filhos sempre é delegada à mãe e isso faz com que algumas mulheres repensem na maternidade, como observaremos no próximo meme.

No enunciado “Me prometeram noites mal dormidas... só não falaram que seriam todas.”, o leitor observa a existência de um discurso anterior, um já-dito, de que as mulheres já sabem que, ao se tornarem mães, terão um bebê para cuidar e amamentar

e, portanto, não poderão dormir a mesma quantidade de horas. Entretanto, não informaram a essas mulheres que todas as noites seriam mal dormidas.

Ao apresentar a imagem de uma mulher/mãe com uma aparência de cansada, exprimida em sua cama, segurando o bebê e, no outro lado, o homem, seu companheiro, dormindo profundamente, o meme cria um humor sarcástico pois coloca a mulher na condição de uma “pessoa acabada” e visivelmente “mal cuidada” e/ou com uma “aparência péssima”.

Cabe destacar que ter um filho é uma decisão conjunta, do pai e da mãe, como também o ato de cuidar deste filho em todas as fases da vida. No entanto, para a sociedade, esta tarefa ainda é vista como sendo da mãe. Isso pode ser verificado em dizeres machistas e carregados de ideologias, como: “Ela pariu, agora tem que cuidar”.

Historicamente, os homens não foram criados para cuidar dos filhos. Por isso, algumas mulheres precisam impor a eles a execução desta tarefa. Eles foram criados para serem os provedores do lar.

Figura 3 - Instinto Maternal

Meu ovário toda vez que escuto uma criança gritando, esperneando e fazendo birra



Fonte: @NaianaSa

O terceiro meme, faz referência às mulheres que não pretendem ser mães. Isso pode ser constatado a partir do enunciado “Meu ovário toda vez que escuto uma criança gritando, esperneando e fazendo birra” em conjunto com a imagem do ovário se automutilando e praticando a ação de cortar as trompas de falópio ou tubas uterinas. Essas trompas são responsáveis por conectar os ovários (produtores dos óvulos que

serão fecundados por um espermatozoide) ao útero. Neste caso, o ato de cortar as trompas e romper com essa conexão evitará a mulher de se tornar mãe e, conseqüentemente, ela não terá uma criança gritando, esperneando e fazendo birra.

A ação praticada pelo ovário cria um humor baseado na alegoria, assim como acontece nas fábulas, nas quais um animal como uma lebre, por exemplo, fala e dá conselhos. A alegoria se faz presente porque não há como um ovário praticar a ação de cortar as trompas de uma mulher.

Esse meme vai na contramão do que a sociedade espera das mulheres “Tornarem-se mães” e colabora para a desconstrução da maternidade como “algo romantizado ou fundamental”. Ele mostra para o leitor que nem toda a mulher tem o chamado “instinto maternal” e/ou deseja ser mãe.

Figura 4: Sobrecarga feminina



Fonte: @FranArt

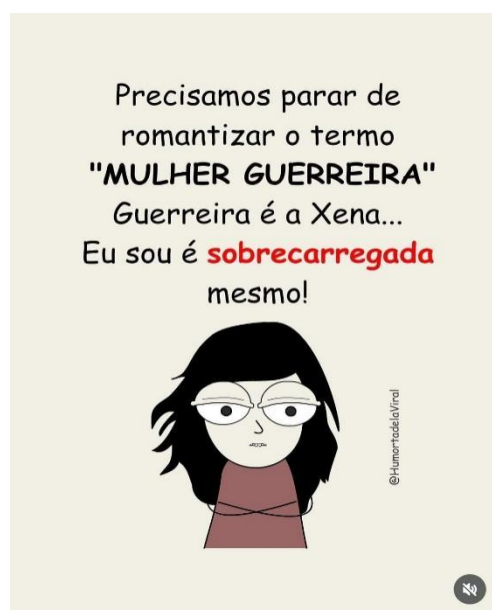
No quarto meme, a personagem que representa a mulher é a Daphne, da animação “Scoobydoo”. Ela apresenta algumas definições sociais do que é “ser mulher”: “Ser mulher é isso aí: cabelo pra lavar, unha pra fazer, boletos pra pagar, ansiedade no talo, corpo dolorido e a mente com vinte e oito abas abertas...”. Neste enunciado, o leitor pode identificar alguns temas transversais presentes no interdiscurso, como “ vaidade feminina” (cabelo pra lavar, unha pra fazer), “mulher independente” (boletos

pra pagar), “problemas psíquicos e físicos” (ansiedade no talo, corpo dolorido) e “sobrecarga mental” (a mente com vinte e oito abas abertas...).

Daphine representa uma mulher sobrecarregada, que desempenha muitas tarefas e, ainda, precisa cuidar da aparência física e mental e isso provoca o seu adoecimento. De um modo geral, “ser mulher” é comparar a mulher a uma máquina.

A construção do humor se dá a partir do estereótipo do que é “ser mulher para a sociedade” e da hipérbole ou exagero “a mente com vinte e oito abas abertas...”. Embora contenha um caráter de denúncia social, pois as mulheres estão adoecendo com tantas demandas, o meme não deixa de identificar a mulher como “reclamona e exagerada”, reforçando esses estereótipos propagados nas redes sociais.

Figura 5: Mulher guerreira



Fonte: @Humordataviral

No quinto e último meme, a personagem feminina desconstrói explicitamente a ideia de “mulher guerreira” e se auto identifica como “uma mulher sobrecarregada”. Isso fica visível no enunciado: “Precisamos parar de romantizar o termo ‘MULHER GUERREIRA’. Guerreira é a Xena... Eu sou é sobrecarregada mesmo!”. Nele, a locução substantiva “mulher guerreira” aparece em caixa alta e o adjetivo “sobrecarregada” em vermelho, para chamar a atenção do leitor.

A personagem atribui a identidade de “mulher guerreira” à Xena, personagem fictícia que se destaca no filme “Xena: a princesa guerreira” e que desempenha

múltiplas tarefas para sobreviver ao longo da narrativa. Ao fazer isso, ela cria uma interdiscursividade com o discurso cinematográfico, que contribui para reforçar alguns estereótipos de “mulher guerreira” e que deve suportar tudo.

Em síntese, nesse meme, o humor é construído visando desconstruir os estereótipos sociais mencionados e cria uma sátira no tom de paródia por meio da justaposição, comparando “Xena = mulher guerreira” e “eu = mulher sobrecarregada”.

Na seção seguinte, apresentamos as considerações finais deste artigo.

8 CONCLUSÃO

As discussões e análises apresentadas ao longo deste artigo mostraram que a posição da mulher na sociedade contemporânea continua atravessada por estruturas simbólicas e históricas profundamente enraizadas, constituídas ao longo de séculos de organização social e patriarcal.

A feminilidade, construída como lugar de serviço, cuidado e disponibilidade emocional, moldou não apenas as práticas cotidianas atribuídas às mulheres, mas também os discursos que definem o que significa ser mulher em diferentes contextos sociais. Mesmo diante de avanços significativos, como maior presença no mercado de trabalho, ampliação de direitos e fortalecimento dos movimentos feministas, o cotidiano feminino permanece marcado por desigualdades profundas. A maternidade continua sendo tratada como destino quase obrigatório. A juventude feminina ainda é submetida a rigorosos padrões estéticos e comportamentais.

Os afazeres domésticos seguem sendo distribuídos de modo desigual, recaindo majoritariamente sobre as mulheres. Essa permanência evidencia como a violência simbólica e as expectativas sociais e patriarcais continuam moldando comportamentos, corpos e subjetividades, mesmo quando não se apresentam de forma explícita.

Nesse cenário, a análise discursiva dos memes do Instagram revelou que a cultura digital se tornou um dos espaços mais relevantes para a produção e circulação de sentidos sobre o feminino. Os memes não são apenas peças de humor, pois refletem e reproduzem imaginários sociais e ideologias, por meio das formações discursivas.

A investigação mostrou que os memes que tratam da sobrecarga feminina tendem, em grande parte, a transformar desigualdades em motivo de riso, reforçando a naturalização da injustiça e corroborando a lógica que coloca o peso da vida doméstica e afetiva sobre as mulheres. Esse humor cotidiano atua como mecanismo de manutenção

da normalidade social e patriarcal, ao suavizar temas que, sob outra abordagem, evidenciariam a gravidade das desigualdades.

Respondendo à pergunta “O humor presente nos memes do Instagram contribui para a propagação do discurso patriarcal sobre a mulher?”, podemos dizer que sim. Isso se tornou perceptível durante a análise da relação entre humor empregado nos memes por meio das diferentes linguagens verbo-visual e da sua ascensão na cultura digital.

Logo, concluímos que a sobrecarga da mulher não é fruto de escolhas individuais ou circunstâncias isoladas, mas um efeito de longa duração de estruturas históricas, econômicas e simbólicas que moldam a divisão sexual do trabalho, as relações familiares e os modos de subjetivação.

Portanto, o humor presente nos memes do Instagram apresenta a exaustão feminina como algo engraçado, contribuindo para reforçar a ideia de que esse sofrimento faz parte da vida cotidiana e deve ser tolerado. Ao mesmo tempo, quando utilizado de forma crítica, revela a potência do riso como ferramenta de denúncia e de problematização dos sentidos cristalizados na sociedade patriarcal.

REFERÊNCIAS

ALZAMORA, Geane; CARVALHO, Carla Baiense de. Meme e cultura digital: apropriações, disputas e circulação. **Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 41–58, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38062>. Acesso em: 08 dez. 2025.

AZEVEDO, Daniela; VERSUTI, Andrea Cristina. Representações femininas grotescas em memes: carnavalização, violência de gênero e dinâmicas sociais no digital. **Comunicação Midiática**, v. 19, n. 2, p. 109–134, 2024. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/643>. Acesso em: 08 dez. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. Difusão Europeia do livro: São Paulo, 1970 [1949].

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002 [1999].

BRAGA, Livia. Humor, feminismo e redes sociais: disputas discursivas no ambiente digital. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref>. Acesso em: 08 dez. 2025.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

CHAGAS, Viktor; BRETAS, Anna B. Mapeamento e análise de memes feministas na internet brasileira. **Eco-Pós**, v. 24, n. 2, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27427. Acesso em: 08 dez. 2025.

COELHO, Clícia; MARTINS, Raimundo. Memes de internet, visualidades e discurso humorístico. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, vol. 11, n. 1, p. 121-139–jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/31728>. Acesso em: 08 dez. 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIAS, Maria Clara Ferreira. Mulher, humor e redes sociais: tensões discursivas sobre feminilidade. **Cadernos Pagu**, n. 64, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu>. Acesso em: 08 dez. 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Trad. Áurea B. Weissenberg. Ed. Vozes Limitada, Petrópolis: Rio de Janeiro, 1971 [1963].

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Júlia Barbosa. Humor e opressão: o riso como dispositivo patriarcal nas mídias digitais. *E-Compós*, v. 25, 2022. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br>. Acesso em: 08 dez. 2025.

GONÇALVES, Nayara. A maternidade exausta: discursos sobre a sobrecarga da mãe contemporânea. **Revista Ártemis**, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br>. Acesso em: 08 dez. 2025.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. A análise do discurso: Conceitos e Aplicações. **Revista Alfa**, São Paulo, nº 39, p. 13-21, 1995.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018

KOBAYASHI, Sergio Mikio. Memes no meio digital: um olhar teórico sobre sua propagação nas redes sociais. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 48, n. 2, p. 919-935, jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2337>. Acesso em: 08 dez. 2025.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. 2006. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

LINS, Megan; CARVALHO, Aline. A carga mental feminina e sua representação nas redes sociais. **Revista Gênero**, v. 24, n. 3, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero>. Acesso em: 08 dez. 2025.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

OLIVEIRA, Larissa. Mulheres, humor e resistência: disputas discursivas no Instagram e no TikTok. **Revista GEMInIS**, v. 14, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br>. Acesso em: 08 dez. 2025.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP, Pontes, 2001

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Trad. de Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, Joice. Memes feministas e disputas simbólicas no Instagram. *Revista Mídia e Sociedade*, v. 6, n. 3, 2022. Disponível em: <https://revistamidiaesociedade.com>. Acesso em: 08 dez. 2025.

PINCELLI, Renato; AMÉRICO, Marcos. Apontamentos teóricos sobre o humor e seus recursos. **Fórum linguistic.**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4217-4228, out./dez. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8080672.pdf>. Acesso em 02 de out. de 2025.

POSSENTI, Sírio. **Cinco ensaios sobre humor e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed., São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Jéssica de Jesus. *Mulheres em memes: uma análise discursiva*. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal de Alagoas, 2023. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/12454>. Acesso em: 08 dez. 2025.

SANTOS, Sebastião Lourenço dos. **O enigma da piada: convergências teóricas e emergência pragmática**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

SOUZA, Alan Lôbo de. Quando o humor (não) é humor?: uma análise dos modos de significar a universidade pública no discurso conservador. **Revista do GELNE**, Natal/RN, v. 25, n. 1, dossiê temático: e31957, junho, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/31957>. Acesso em 20 de set. 2025.

SOUZA, Alan Lôbo de. **Estereótipos em piadas sobre baiano**. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, São Paulo, 2013.

WEEMS, Scott. **Há! A ciência do humor**. São Paulo: DVS Editora, 2016.

